

Josete Burda Andrade

**A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UMA CRIANÇA COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA
ESCOLA PÚBLICA FEDERAL EM FLORIANÓPOLIS – SC**

Monografia submetida ao Programa de
Graduação da Universidade Federal de
Santa Catarina para a obtenção do
Grau de Graduado em Pedagogia.
Orientador: Prof.^a Dra. Maria Sylvia
Cardoso Carneiro

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor
Maiores informações em:
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Josete Burda Andrade

A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UMA CRIANÇA COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA
ESCOLA PÚBLICA FEDERAL EM FLORIANÓPOLIS – SC

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do Título de
Graduação em Pedagogia, e aprovada em sua forma final pelo
Programa.

Florianópolis, 28 de Julho de 2016

Professor Dr. Jeferson Dantas
Coordenador do Curso

Banca Examinadora (UFSC):

Prof.^a, Dr.^a Maria Sylvia Cardoso Carneiro
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Maria Helena Michels
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Rosalba Maria Cardoso Garcia
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a, Dr.^a Márcia de Souza Lehmkuhl
Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho ao meu esposo e a meus filhos que de abdicaram de minha presença nas incontáveis tardes e noites de estudo.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que me ajudaram e a quem dedico meu carinho;

A todos meus sinceros agradecimentos:

A Deus, pois sem sua ajuda nada seria possível;

Aos meus filhos pelo amor e carinho dedicado ao longo desta trajetória;

Especial ao meu marido por ter me amparado nos momentos de alegria, tristeza e nunca ter me deixado desistir;

A todos que estiveram comigo ao longo da caminhada dividindo aflições, medos, incertezas, e agora a alegria conquistada.

Josete Burda Andrade

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”

(Charles Chaplin)

RESUMO

Este trabalho tem como tema principal a escolarização de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular, e tem como objetivo apresentar e discutir os aspectos sobre o processo de escolarização desta criança. Por tratar de um assunto que nos últimos anos está sendo bastante discutido e possuir teses, pesquisas e além de livros que tratam do tema, para que fosse alcançado o objetivo deste trabalho realizei um estudo de caso com uma abordagem qualitativa, estudos de diferentes autores como Belisário e Cunha (2010), Baptista e Bosa (2002), Cunha (2012), Cunha (2013) dentre outros, além das Legislações educacionais vigentes. As pesquisas bibliográficas e documental, bem como as entrevistas possibilitaram perceber elementos importantes do processo de escolarização e estratégias pedagógica para que o aluno com TEA fique cada vez mais em sala de aula e não se disperse das atividades orais e escritas, interaja com as demais crianças da sala de aula e com os profissionais que ali trabalham.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Educação Especial, Escolarização.

LISTA DE SIGLAS

AAEAtendimento Educacional Especializado
CAColégio Aplicação
DSMManual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
LDBLei de Diretrizes e Bases
LIBRASLíngua Brasileira de Sinais
MECMinistério da Educação
NEENecessidades Educacionais Especiais
PNEEPEI Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
PPP Projeto Político Pedagógico
SASíndrome de Asperg
SEMSala de Recursos Multifuncionais
TEATranstorno do Espectro Autista
TGDTranstorno Global do Desenvolvimento
UFSCUniversidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1.1 METODOLOGIA	18
REFERENCIAL TEÓRICO	22
2.1 Aspectos Gerais do Transtorno do Espectro Autista (TEA)	22
2.2 Diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA).....	26
2.3 Relacionamento Família/ Escola e a Criança Com TEA	27
2.4 Legislação e Políticas Atuais	29
2.5 Inclusão Escolar do Aluno com TEA	36
O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UM ALUNO COM TEA EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL DE FLORIANÓPOLIS- SC	39
3.1. A história de Pedro	39
3.2. Aspectos do processo de escolarização	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
APÊNDICE 1	52
APÊNDICE 2	53
APÊNDICE 3	54
APÊNDICE 4	55
APÊNDICE 5	57

INTRODUÇÃO

Trabalho na área da saúde há mais de quinze anos, num hospital privado e também atendo em domicílio com crianças e adultos além de atualmente ser estudante do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina UFSC

A escolha pelo tema surgiu quando comecei a trabalhar em uma residência particular cuidando de uma senhora idosa. Nesta casa há uma criança que na época estava com um ano e meio e vinha apresentando comportamento diferente das crianças de sua idade.

Com o passar do tempo e nas observações que eu vinha fazendo em torno da criança reuni indícios de que ele poderia ser autista. Comecei a pesquisar sobre o assunto e descobri que os gestos, atitudes e maneira da criança se comportar era os mesmo que alguns autores referiam-se aos autistas. Contudo, observações assistemáticas eram insuficientes para apoiar a família do menino.

Sua mãe na época não aceitava que falasse sobre o assunto, dizia que o filho era normal que por ele não falar e agir de maneira diferente das outras crianças de sua idade segundo o médico era devido a idade que ele ainda tinha, pois cada criança tinha sua própria característica e seu tempo.

Com o passar dos anos está criança passou a apresentar sinais mais claros do autismo, nas atitudes e maneiras de agir, além dos momentos de agressividade e agitação.

Aos oito anos depois de muitas idas e vindas aos médicos foi que a mãe aceitou o diagnóstico que o filho é autista e de grau severo.

E foi após está experiência e ao ingressar no curso de pedagogia tendo como disciplinas obrigatórias Políticas e Práticas Pedagógicas Relacionadas à Educação Especial e Educação especial: conceitos, concepções e sujeitos, e na disciplina optativa realizada com o professor: Adriano Henrique Nuernberg (PSI-CFH) e Maria Sylvia C. Carneiro sobre Estudo sobre Deficiência no curso de Psicologia, além de um curso de extensão sobre: Transtorno do Espectro Autista: atuação na perspectiva da Educação Inclusiva que tive a oportunidade de aprofundar um pouco mais sobre o assunto e definir o tema de estudo para o TCC.

Este trabalho tem como tema principal a escolarização de um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ensino regular. Trata-se de um assunto que nos últimos anos vem sendo discutido tendo pesquisas, teses e outros escritos sobre o tema conforme leituras realizadas.

A referida pesquisa discute sobre a inclusão escolar da criança com TEA no ambiente escolar. Para que essa inclusão escolar seja possível é necessário que as escolas propiciem um ambiente escolar adequado para esses alunos, "não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambiente inclusivo. Inclusivo não somente em razão dos recursos pedagógicos, mas também pelas qualidades humanas". (Cunha 2012, p.100).

A partir de estudos de diferentes autores e consultas à legislação educacional vigentes foi possível identificar estratégias escolares que favorecem a inclusão escolar do educando com TEA na escola de educação básica.

O objetivo geral do trabalho é apresentar e discutir aspectos do processo de escolarização e identificar estratégias pedagógicas para um aluno com transtorno do espectro autista (TEA) numa escola pública federal de Florianópolis.

Como objetivos específicos, defini os seguintes:

- buscar informações de como está sendo a inclusão de um aluno com TEA na escola, verificando como a família e professores percebem a interação dessa criança com a escola;
- verificar estratégias pedagógicas utilizadas para o aprendizado do aluno;
- pesquisar na legislação vigente o que está previsto para a inclusão escolar de alunos com deficiência e mais especificamente alunos com TEA.

1.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada de acordo com uma abordagem qualitativa e um estudo de caso.

A pesquisa qualitativa está mais relacionada ao levantamento de dados, a entender e interpretar determinados comportamentos, opinião e as expectativas do indivíduo de uma população.

Neste tipo de pesquisa, Minayo, (2004, p.67) salienta que o pesquisador coleta o maior número possível de informações para que possa interpretar da melhor maneira possível e poder obter novos conhecimentos.

De acordo com Triviños (1987, p. 131):

Na pesquisa qualitativa, de forma geral, segue-se a mesma rota ao realizar uma investigação. Isto é, existe uma escolha de um assunto ou problema, uma coleta de dados e análises das informações. É indispensável, não obstante isso, fazer alguns esclarecimentos importantes. Em primeiro lugar, a pesquisa qualitativa não segue sequência tão rígida das etapas assinaladas para o desenvolvimento da pesquisa quantitativa. Pelo contrario. Por exemplo: a coleta e a análise dos dados não são divisões estanques. As informações que se recolhem, geralmente, são interpretadas e isto pode originar a exigência de novas buscas de dados.

No livro “Método e Técnicas de Pesquisas Social”, Gil (2009) relata que para se realizar uma pesquisa de estudo de caso temos que ter experiências vividas e na observação feitas ao objeto pesquisado; é uma pesquisa exaustiva; tem que explorar situações da vida real do pesquisado, descrever a situação do objeto pesquisado e explicar as causas que levaram a pesquisar sobre este tema.

André (1984) refere-se que para o pesquisador fazer um estudo de caso:

Os estudos de caso procuram retratar a realidade de forma completa e profunda. Esse tipo de estudo pretende revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa dada situação, focalizando-a como um todo, mas sem deixar de enfatizar os detalhes, as circunstâncias específicas que favorecem uma maior apreensão desse todo. p.52

Gil (1996) salienta que o estudo de caso “caracteriza-se por grande flexibilidade. Isto significa que é impossível estabelecer um roteiro rígido que determine com precisão como deverá ser desenvolvida a pesquisa.”.

A estratégia inicial utilizada foi o contato com a família e a escola para que assim conseguisse obter informações necessárias para a conclusão do trabalho.

Os procedimentos realizados neste estudo foram:

- Levantamento Bibliográfico sobre o autismo e a inclusão escolar de alunos com esse diagnóstico;
- Pesquisa em documentos oficiais que abordam sobre a escolarização de alunos com TEA.
- Entrevistas semi-estruturadas com professoras e a mãe de uma criança com TEA.
- Estudo de caso desde os primeiros dias de vida da criança.

•

A estrutura deste trabalho foi organizado conforme as entrevistas e os levantamentos bibliográficos, e os capítulos foram organizados da seguinte forma:

- No primeiro capítulo da introdução trago a produção acadêmica e o interesse pelo tema, os objetivos gerais e específicos. Na metodologia aborda como se desenvolveu o trabalho sendo que foi feito entrevistas com a escola e família realizando um estudo de caso pesquisa qualitativa buscando breve apresentação de alguns autores sobre o assunto
- No segundo capítulo uma breve abordagem sobre alguns apontamentos sobre: Aspecto Gerais do Transtorno do Espectro Autista (TEA), Diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), Relacionamento Família/ Escola e a Criança com TEA, Legislação e Políticas Atuais, Inclusão Escolar do Aluno com TEA.
- No terceiro capítulo refere-se: O Processo de escolarização de um Aluno com TEA em uma Escola Pública Federal de Florianópolis- SC, escrevo sobre a escolarização desta criança ao ponto de vista da mãe e do professor de como está sendo a inclusão dele na sala de aula e com os demais profissionais que trabalham no colégio.
- No quarto e último capítulo faço uma síntese de como foi a temática do trabalho e se atingiu o que propus com o assunto pesquisado.

Para a realização das entrevistas, foram seguidos os seguintes passos:

- Elaboração do roteiro das entrevistas;
- Realização da entrevista com a mãe (inicialmente a mãe respondeu as perguntas por escrito. Houve a necessidade de retomar novo contato com a mãe para que contasse desde a gestação até o ingresso do filho nos anos iniciais.);
- Realização da entrevista com três professoras;
- Transcrição das entrevistas realizadas.

Após a transcrição das entrevistas, as respostas foram organizadas em um quadro, permitindo uma melhor visualização das informações obtidas. (ver Apêndice 5).

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nesta pesquisa foram quatro entrevistas semi-estruturadas. As entrevistas foram realizadas da seguinte forma:

- Primeiro passo: foi realizada uma entrevista com a mãe do aluno sobre a trajetória da criança desde a gestação até o início na escola. (Apêndice 1).
- Segundo passo: entrevista com as professoras de sala comum do ano letivo 2016. (ver Apêndice 2).
- Terceiro passo: entrevista com a professora de Educação Especial que atua em regime de codocência no ano de 2016 (ver Apêndice 3).

Os roteiros para as entrevistas foram elaborados a partir dos objetivos da pesquisa. Foi elaborado também um termo de consentimento livre e esclarecido, que foi apresentado a cada sujeito da pesquisa. (Ver Apêndice 4).

REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Aspectos Gerais do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Estudos realizados por Belisário e Cunha (2010), entre outros autores, trazem várias definições para o autismo. Bosa (2002, p.22) chama atenção para os diferentes termos encontrados na literatura para se referir ao autismo:

Uma revisão rápida na literatura permite-nos encontrar a palavra “autismo” escrita de diferentes formas – com “a” maiúsculo e minúsculo, com e sem artigo antecedendo a palavra (Autismo? Ou o autismo?), como síndrome comportamental, síndrome neuropsiquiátrica/ neuropsicológica, como transtorno invasivo do desenvolvimento, transtorno global do desenvolvimento, transtorno abrangente do desenvolvimento, transtorno persaviso do desenvolvimento (essa palavra consta no Aurélio!), psicose infantil, precoce, simbiótica, etc.

Para Cunha (2012) o conceito de autismo compreende a observação de um conjunto de comportamentos, pois inclui crianças que falam e crianças que não falam, crianças que interagem socialmente e crianças que se isolam, é preciso lembrar que o autismo não tem uma etiologia concreta, o que muitas vezes dificulta seu diagnóstico.

Belisário e Cunha (2010) e também Ellis (1996) mencionam em seus livros que em 1911, o psiquiatra suíço Eugen Bleuler foi o primeiro a utilizar o termo autismo para designar a perda de contato com a realidade, causada pela impossibilidade ou grande dificuldade na comunicação interpessoal. E diagnosticou o autismo como um transtorno básico de esquizofrenia, que seria como a limitação das relações pessoais e a relação com o mundo externo. Apesar de Bleuler ter sido um dos primeiros a usar o termo autismo não foi ele que publicou suas pesquisas.

Bosa (2012, p.20) descreve as primeiras publicações sobre o autismo:

[O termo autismo] foi empregado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço E. Bleuler, em 1911, que buscava descrever a fuga da realidade e o retraimento interior dos pacientes acometidos de esquizofrenia. [...] Leo Kanner, psiquiatra austríaco, naturalizado americano, publicou as primeiras pesquisas relacionadas ao autismo em 1943. Ele constatou uma nova síndrome na psiquiatria infantil denominada, a princípio, de distúrbio autístico do contato afetivo.

Até 1943, quando Leo Kanner, publicou suas primeiras pesquisas, o autismo era entendido como esquizofrenia. Para Kanner (1943 apud Bosa, 2002, p.23), “o distúrbio fundamental mais surpreendente, ‘patognômico’, é a incapacidade dessas crianças de estabelecer relações de maneira normal com as pessoas e situações desde o princípio de suas vidas”.

Cunha menciona outros aspectos levantados por este mesmo psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos que começou a analisar um conjunto de comportamentos característicos presentes em um grupo de crianças que as diferenciavam das demais, tais como: extremo isolamento, dificuldade de relacionamento com outras pessoas até mesmo com a família, atraso na aquisição da fala e quando esta era adquirida a criança não usava como um meio de se comunicar ou interagir com outras pessoas, ignorava as pessoas e os ambientes em sua volta, comportamentos repetitivos e bizarros além de uma excelente memória.

Com aprofundamento nos estudos que vinha fazendo sobre o autismo Kanner escreveu o artigo “Os transtornos autistas do contato afetivo” (1943). Um dos aspectos que mais chamou sua atenção em relação aos autistas foi “a incapacidade para relacionar-se normalmente com as pessoas e as situações” (Belisário, 2010, p.9).

Pouco tempo após a descoberta do estudo de Kanner outro médico austríaco, Hans Asperger, descreveu crianças semelhantes às descritas por seu colega. Segundo Cunha, o quadro descrito por este médico, conhecido como síndrome de Asperger,

[...] difere do autismo clássico, principalmente por não ocorrer retardo mental, atraso cognitivo e considerável prejuízo na linguagem. Apesar de

não haver o retraimento peculiar autístico, a criança, entretanto, torna-se também solitária. Desenvolve interesses particulares em campos específicos, modo de pensamentos complexos, rígidos e impermeáveis a novas ideias. (Cunha, 2012, p.21).

Segundo Cunha e Belisário (2010, p. 9),

As descrições do autismo feitas por Asperger foram publicadas em alemão, no pós-guerra, e não foram traduzidas para outra língua, o que provavelmente contribuiu para prolongar o período de desconhecimento a respeito de seus estudos até a década de 80.

Segundo Lorna Wing (1979) as pessoas autistas possuem três grandes grupos de perturbações, as quais se manifestam em três diferentes áreas de domínio, vindo a prejudicá-las. São elas: a Área Social, a da Linguagem e Comunicação e a do Comportamento e Pensamento conhecido como a “Tríade de Wing” em homenagem a sua proponente, que dizem respeito às dificuldades que as crianças autistas têm nas áreas de imaginação, socialização e de comunicação.

Em estudos e pesquisas bibliográficas sobre o autismo Martins, Preussler e Zavaschi citam que trata-se de uma síndrome definida a partir das características ou sintomas comportamentais que compõem o quadro de diagnóstico. “A avaliação de uma criança com suspeita de autismo inclui a entrevista com os pais, exame da criança, além de algumas ações complementares, de acordo com o julgamento do psiquiatra e do neurologista” (2002, p.41).

Para os autores acima citados, tal comprometimento evidencia-se pela dificuldade da criança em demonstrar algum afeto, ignorando e recusando tudo que vem do seu exterior, uma espécie de fechamento autístico extremo.

No final dos anos 1960 com os estudos especialmente de M. Rutter e D. Cohn e maior conhecimento a respeito das condições do autismo e da síndrome de Asperger, surgiu a denominação de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD) que representa uma categoria na qual estão agrupados transtornos que têm em comum as funções do desenvolvimento afetadas.

Até poucos anos existia o que se conhecia por TGD que incluía o Autismo, síndrome de Asperg, síndrome de Rett e o Transtorno Global

do Desenvolvimento Sem Outra Especificação. (Belisário e Cunha, 2010, p.29).

. Em 2013 com a reformulação do DSM IV que foi substituído pelo DSM V, houve alteração na nomenclatura e o TGD passou a ser denominado como TEA, mas alguns médicos ainda utilizam o termo.

Para Nunes, Azevedo e Schmidt (2013)

O Transtorno Autista é uma condição classificada no DSM-5¹ como pertencente à categoria denominada Transtornos de Neurodesenvolvimento, recebendo o nome de Transtornos do Espectro Autista (TEA). Assim, o TEA é definido como um distúrbio do desenvolvimento neurológico, que deve estar presente desde a infância, apresentando déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamental. (p.558)

Baptista e Bosa (2002) e Ellis (1996) apontam alguns sinais que podem estar presentes em pessoas com autismo, atualmente denominado TEA:

- Seu contato visual geralmente é ausente ou pouco freqüente;
- Geralmente age como se não escutasse;
- A fala é pouco presente em algumas pessoas autistas;
- Tem dificuldade em compreender o que lhe foi dito e fazer-se compreender;
- Palavras e frases podem ser repetitivas (ecolalia) e os movimentos podem tornar-se repetitivos (estereotípias);
- Aponta ou utiliza outras pessoas para alcançar o que quer ao invés de usar a fala;
- Algumas vezes é resistente a mudança de rotina;
- Muitas vezes não tem interesse ao que acontece ao seu redor e prefere ficar sozinho;

¹ O DSM-V, quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), criado em 1952 pela Associação Americana de Psiquiatria, foi publicado em maio de 2013 (versão em português – 2014). O guia representa a base para definição de doenças psíquicas, referência para a prática clínica, e segundo seus autores, contém informações úteis para todos os profissionais ligados a saúde mental, “incluindo psiquiatras, outros médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, consultores, terapeutas ocupacionais e de reabilitação e outros profissionais da área da saúde” (DSM-5, 2014).

- Muitas vezes tem preferência e apego a um determinado objeto;
- Em algumas crianças autistas pode acontecer agressividade ou auto agressividade.

É importante esclarecer que cada pessoa com TEA tem suas próprias características, mas alguns sinais costumam ser mais comuns. Esses sinais podem estar presentes e visíveis em algumas com mais intensidade ou gravidade, dependendo do caso.

Cunha (2013, p.23) cita os principais sinais que uma criança apresenta no quadro de diagnóstico de TEA: “1 - comprometimento na comunicação, 2 – dificuldade na interação, 3 - atividades restritas e repetitivas (uma forma rígida de pensar e estereotípias)”.

2.2 Diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)

Para fazer o diagnóstico, a abordagem junto à família é realizada por uma equipe profissional qualificada, porém a entrevista com a família deve ser feita por apenas um profissional da equipe, “preferencialmente aquele que estabeleceu o vínculo mais forte e que, de certa forma, vai funcionar como referência na coordenação do projeto terapêutico indicado pela equipe para o caso”. (BRASIL,2013). Este profissional deverá ser preciso e claro e estar disponível a perguntas e dúvidas dos familiares. O profissional deverá fazer a entrevista em um local reservado e que não haja interrupções já que é um momento dedicado a essa família.

Sobre o diagnóstico precoce, Bosa (2006, pp.551-552) salienta:

O diagnóstico preciso não é fácil para o profissional já que pode haver problema para distinguir entre crianças com autismo e crianças não verbais com déficits de aprendizagem ou prejuízo na linguagem. No entanto, aos três anos de idade, as crianças tendem a preencher os critérios de autismo em uma variedade de medidas diagnosticadas.

Silva, Gaiato e Reveles (2012, p.23) destacam o comprometimento nas interações sociais em crianças com TEA:

Para todos aqueles com traços ou diagnóstico de autismo, uma coisa é universal: o contato social é sempre prejudicado. Não, necessariamente, porque estão desinteressados, mas porque não sabem e não aprenderam a arte de interagir e manter vínculos.

E descreve mais:

Crianças com autismo, muitas vezes, buscam contatos sociais, mas não sabem exatamente o que fazer para mantê-los. Podem até chamar o coleguinha para irem em suas casas, mas as brincadeiras não costumam durar muito tempo; acabam deixando o grupo de lado e brincarem sozinha (p.26).

Os autores acima citados referem-se que para que o diagnóstico seja realizado com êxito é fundamental que o profissional que irá fazer o diagnóstico tenha bastante experiência, pois ele precisa estar atento à história do paciente e que entenda o comportamento infantil de forma geral.

Para que este profissional possa ter mais dados e conseguir um diagnóstico preciso ele terá que fazer perguntas desde a gestação, como foi o nascimento, o comportamento anterior aos dois anos e a partir dos dois anos como foi o seu desenvolvimento, comportamento, habilidades motoras e a interação social. Entre os três e quatro anos, se foi à escola, qual era o comportamento dessa criança junto aos professores e aos colegas da classe. (SILVA, GAIATO E REVELES, 2012, pp.191-192).

2.3 Relacionamento Família/ Escola e a Criança Com TEA

Para Silva, Gaiato e Reveles (2012);

Receber um diagnóstico de autismo é sempre impactante para os pais. A partir desse momento, brota um turbilhão de situações e emoções inesperadas no seio familiar: angústias, conflitos, frustrações, medos, inseguranças. A mãe, alvo de

muitas críticas da sociedade, é a primeira a se culpar e achar que falhou no processo educacional. Isso ocorre, principalmente, porque durante décadas a fio profissionais despreparados apontaram a falta de interação das mães com as crianças como a causa do autismo (p.94).

Durante os anos 50 e 60 do século passado, houve muita confusão sobre a natureza do autismo e sua etiologia, o termo “mãe-geladeira” foi um rótulo que era atribuído às mães de crianças autistas, quando se acreditava que elas poderiam ser a causa do autismo de seus filhos, por serem afetivamente frias.

O psiquiatra Leo Kanner, o primeiro a descrever o autismo, explicitou sua observação clínica de que as crianças autistas possuíam, em geral, pais muito inteligentes, mas pouco calorosos. Porém, Kanner apenas apontou uma associação, o que não implica causalidade. É mais provável que a frieza dos pais fosse consequência da ausência de retorno da criança ao afeto que dedicavam a ela. (Belisário, Cunha 2010, p 12).

Diante disso as pessoas envolvidas, pais, irmãos e parentes precisam conhecer as características do espectro e aprender as técnicas que facilitem a comunicação e o relacionamento entre os que convivem com esta criança.

Os referidos autores relatam que:

Ser pai de uma criança ou adolescente com autismo não é uma tarefa fácil, sem dúvida. Esse exercício diário requer muito mais zelo, paciência, persistência, fiscalização, disciplina, criatividade e aumento na estrutura familiar, com participação ativa de todos envolvidos. ‘p.95.

Baptista e Bosa (2002, p.17), ao abordar a percepção dos professores sobre a inclusão de alunos com TEA, apontam as seguintes dificuldades no trabalho com esses alunos: dificuldade na compreensão da linguagem dos rituais, manejo das dificuldades expressadas pelo aluno, dúvidas com a prática pedagógica que deverá ser empregada e a falta de estrutura para poder lidar com esse aluno.

Segundo Belisário e Cunha (2010, pp.24 - 25), a família da criança com TEA vive angústias, incertezas, medo de que essa criança não se adapte na escola, que a mesma poderá ter dificuldade na fala e no convívio com outras crianças.

Os autores acima mencionam que os profissionais da educação reconhecem que a escola será um dos lugares onde a criança com TEA terá aprendizagens e começará a ter autonomia além daquela do convívio familiar, e o vínculo com escola e a família é fundamental para a permanência deste aluno na escola.

É fundamental que desde o início tanto a escola quanto a família tenham a compreensão de que nem todos os dias tudo vai dar certo, o professor terá que avaliar o aluno, sendo flexível em sua avaliação e ver o quanto de aproveitamento que este aluno teve desde que ingressou na escola.

Terá momentos que o aluno voltará a ter comportamentos que já haviam sido superados, como as estereotípias ou alguma outra atitude que ele tinha antes de ingressar na escola. Isso não significa que a escola não soube trabalhar com esse aluno.

Os profissionais da educação deverão estar em contato permanente com a família para saber o que aconteceu, por que essas manifestações voltaram a ocorrer, se houve alguma mudança na rotina familiar ou troca de algum medicamento.

Para que haja esta interlocução a escola tem que estar em contato sempre com esta família, falando dos avanços que a criança teve e não só mencionar as dificuldades que ela vem apresentando no ambiente escolar.

Para os autores Nunes, Azevedo e Schmidt (2013, p.557 – 559) a criança com TEA ou qualquer outra deficiência ou altas habilidades independente de quaisquer condições, devem ter a possibilidade de estudar no ensino regular, com promoção de aprendizagem e recebendo Atendimento Educacional Especializado (AEE) no contraturno, que é o que determina a Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

2.4 Legislação e Políticas Atuais

Na década de 1990 do século XX as pessoas com deficiência passaram a ter direito de acesso à educação em escolas dos sistemas regulares de ensino. O governo publicou vários documentos, tendo como base a Constituição Federal de 1988: Lei de Diretrizes da Educação Nacional (LDB 9394/96), Declaração de Salamanca, Decretos, Portarias e Resoluções a respeito da educação especial.

Na Constituição Federal de 1988, uma seção é reservada à educação, em seu artigo 205, assegurando que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com

a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Mas é em seu artigo 208, no § 1º, que essa Lei declara o acesso ao ensino, obrigatório e gratuito, como direito público subjetivo - por ser direito de toda pessoa, mesmo não estando em idade escolar e também por se tratar de uma regra jurídica, que serve para regular os interesses dos poderes públicos, elevando, dessa forma, o Estado como o sujeito da ação de oferecer o que a lei garante.

Na Constituição Federal de 1988, o artigo 208, inciso III, prevê que é dever do Estado “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

Em 1994, na Espanha, foi elaborada, pelos onze delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, a Declaração de Salamanca sobre Princípios, Políticas e Práticas em Educação Especial, intitulada Regras e Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências.

A Declaração de Salamanca (1994) salienta que as “escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras”, isto é, as escolas de ensino regular devem promover a educação de todos os alunos, incluindo os portadores de deficiência, os superdotados, crianças marginalizadas pela sociedade ou que estão em desvantagem social.

Nela os países que assinaram o documento inclusive o Brasil, declararam:

- Todas as crianças, de ambos os sexos, têm direito fundamental à educação e que a elas deve ser dada à oportunidade de obter e manter um nível aceitável de conhecimento;
- Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias;
- Os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenha em vista toda a gama dessa diferentes características e necessidades;
- As pessoas com necessidades educacionais especiais devem ter acesso às escolas comuns, que deverão integrá-las numa pedagogia centralizada na criança, capaz de atender a essas necessidades;

No Brasil, a principal lei que assegura a inclusão de crianças com deficiência no espaço escolar, preferencialmente na rede regular de ensino, é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, mesmo com a reformulação ocorrido em 2013 continua sendo utilizado em diversos momentos para a inclusão escolar.

No capítulo V, a LDB define a educação especial como:

“... Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2013).²

No art. 58 há a afirmação do dever do Estado de fornecer, quando necessário, serviços de apoio especializado na escola regular, visando atender às necessidades especiais dos alunos, sabendo que a efetivação desses serviços devem ser permanente, visto as próprias “peculiaridades dos alunos da educação especial”.

Art. 58 - § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, deve ser constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (BRASIL,1996).

O art. 59 prevê que “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL,2013)

² As citações da LDB 93/96 estão de acordo com a nova redação dada pela Lei 12796, de 2013 (BRASIL, 2013).

Art.59

I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades;

II - terminalidade específica para aqueles que não puderem atingir o nível exigido para a conclusão do ensino fundamental, em virtude de suas deficiências, e aceleração para concluir em menor tempo o programa escolar para os superdotados;

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

IV - educação especial para o trabalho, visando a sua efetiva integração na vida em sociedade, inclusive condições adequadas para os que não revelarem capacidade de inserção no trabalho competitivo, mediante articulação com os órgãos oficiais afins, bem como para aqueles que apresentam uma habilidade superior nas áreas artística, intelectual ou psicomotora;

V - acesso igualitário aos benefícios dos programas sociais suplementares disponíveis para o respectivo nível do ensino regular (BRASIL, 1996).

Portanto, a LDB de 1996 já prevê as primeiras adequações necessárias para que a educação especial se torne uma modalidade de educação escolar.

A Resolução nº 2/2001, aprovada pela Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, coloca para os sistemas de ensino o desafio de se organizarem para incluir os alunos e atender suas necessidades educacionais especiais na educação básica em todas em todas as suas etapas e modalidades.

Destaco abaixo os três primeiros artigos da Resolução CNE/CEB nº 02/2001, que relevo ser para a implementação da educação especial como modalidade de educação escolar.

Artigo 1º - Parágrafo único. O atendimento escolar desses alunos terá início na educação infantil, nas creches e pré-escolas, assegurando-lhes os serviços de educação especial sempre que

se evidencie, mediante avaliação e interação com a família e a comunidade, a necessidade de atendimento educacional especializado.

Art. 2º Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos

. Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem conhecer a demanda real de atendimento a alunos com necessidades educacionais especiais, mediante a criação de sistemas de informação e o estabelecimento de interface com os órgãos governamentais responsáveis pelo Censo Escolar e pelo Censo Demográfico, para atender a todas as variáveis implícitas à qualidade do processo formativo desses alunos.

Art. 3º Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica.

Parágrafo único. Os sistemas de ensino devem constituir e fazer funcionar um setor responsável pela educação especial, dotado de recursos humanos, materiais e financeiros que viabilizem e dêem sustentação ao processo de construção da educação inclusiva.

A Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI, 2008) trouxe novas responsabilidades para a escola comum, principalmente a necessidade de adequação em seus espaços e métodos para atender a todos os alunos que têm direito à escolarização, entre eles os alunos da educação especial.

Mais especificamente sobre os alunos com autismo a Lei n 12.764³, de 27 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) estabelece algumas diretrizes. No 1º parágrafo estão especificados quais pessoas podem ser consideradas com o transtorno do espectro autista. Para isso, precisam apresentar:

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para a sua consecução.

§ 1º Para efeitos desta Lei, é considerada pessoa com transtorno do espectro autista aquela portadora de síndrome clínica na forma dos seguintes incisos I ou II:

I – deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação sociais, manifestada por deficiência marcada de comunicação; ausência de reciprocidade social; falência em desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento;

II – padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e atividades, manifestados por comportamentos motores ou verbais estereotipados ou por comportamentos sensoriais incomuns; excessiva aderência a rotinas e padrões de comportamento ritualizados; interesses restritos e fixos. (BRASIL, 2012)

Esta referida lei está sendo uma conquista dos direitos formais da criança com TEA, que passa a ser reconhecido como sendo uma deficiência. Ou seja, reconhecido como pessoa com deficiência, o autista se inclui como um sujeito de direitos nas políticas públicas para pessoas com deficiência. Além disso, também prevê em lei, no Artigo 7º, a punição para o gestor escolar que se recusar a matricular uma criança com espectro autista.

³ A lei que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Austista leva o nome de Berenice Piana, mãe de um menino autista (hoje com 19 anos), que desde que recebeu o diagnóstico de seu filho luta pelos direitos das pessoas com autismo. Berenice estudou por anos o assunto e surgiu ideias para a implementação de políticas públicas que levaram à criação da Lei 12.764/12.

Esta lei prevê também a inserção da pessoa no mercado de trabalho sempre respeitando suas particularidades, a responsabilização do poder público quanto ao acesso à informação, o incentivo à pesquisa científica no sentido de quantificar e analisar os problemas relativos a esse transtorno em nosso país é, também, contemplados nesse artigo. Mais uma vez o “incentivo à formação e à capacitação de profissionais especializados no atendimento à pessoa com transtorno do espectro autista, bem como a pais e responsáveis” são citados na lei, o que mostra a importância do papel que os profissionais e a família ocupam no tratamento da pessoa com deficiência.

Segundo Cunha (2013) todas as crianças tem direito ao acesso escolar seja educação infantil, ensino,

o acesso a ações e serviços de saúde, com vistas à atenção integral às suas necessidades de saúde, incluindo: o diagnóstico precoce, ainda que não definitivo; o atendimento multiprofissional; (...) informações que auxiliem no diagnóstico e no tratamento. O acesso à educação e ao ensino profissionalizante; (...) Em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º (vetado), terá direito a acompanhante especializado.” E no Art. 7º temos: “o gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido de 3 (três) a 20 (vinte) salários mínimos. (BRASIL, 2012)

Entendo que houve avanço essa lei representa uma grande conquista para todos os pais, médicos e demais profissionais envolvidos com o desenvolvimento da criança autista e mais um reforço na luta pela inclusão. O autismo sendo incluído como uma deficiência diante dessa lei é uma conquista para garantir direitos que deveriam ser de todos, não sendo só para as escolas regulares

2.5 Inclusão Escolar do Aluno com TEA

Baptista e Bosa (2002) descrevem a percepção dos professores sobre a inclusão de alunos autistas e fazem um alerta para as noções um pouco distorcidas sobre o que significa basicamente o termo do autismo e como lidar com o mesmo.

Inserir um aluno com TEA no ambiente escolar regular requer maior atenção, pois se deve levar em consideração que mesmo que a escola disponha de estrutura e metodologia adequada, a interação da família com a escola será de extrema importância. Será por meio desta interação que ambos conseguirão auxiliar no desenvolvimento da criança. Tanto em casa quanto na escola algumas crianças, ao se deparar com um ambiente desconhecido, poderão ter atitudes como choro contínuo, expressando insegurança de ficar neste ambiente desconhecido.

O professor ao deparar-se com o aluno com TEA em sala de aula no primeiro momento pode ter um sentimento de impotência, insegurança, angústia por não saber o que fazer para contribuir para que esse aluno permaneça na sala e participe das atividades.

Nos estudos dos autores acima citados destacam-se as dificuldades na compreensão da linguagem da criança autista, dificuldades de compreender o significado dos rituais que a criança autista possui, manejo da agressividade expressa pelo aluno, sentimento de insegurança por parte do educador, dúvidas com relação à prática pedagógica que deverá ser empregada e a falta de estrutura devidamente preparada para lidar com esse aluno.

Para Cunha, (2013):

As ações da sociedade para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais tornam-se mais visíveis a partir da segunda metade do século XX. Anteriormente, o ensino especializado era ministrado em escolas ou classes especiais para as crianças e os jovens que não podiam ter acesso à escola comum, pois se acreditava que eles não conseguiam avançar no processo educacional. P.33.

A escola para ser inclusiva precisa se adaptar a todos os alunos, não só o aluno com TEA, a organização escolar e pedagógica para que cada aluno faça parte da instituição, receba um atendimento especializado e de qualidade para que possa estudar e viver socialmente.

Algumas crianças conseguem adaptar-se com relativa facilidade a novas rotinas enquanto outras levam mais tempo nessa adaptação. O que é importante para o educador quando recebe essa criança com TEA é fazer com que ela entre na rotina da escola não diferenciando a rotina dela dos demais alunos da classe escolar.

Segundo Belisário e Cunha (2010, p.23),

Em outras palavras, é importante, na tentativa de acolhimento àquela criança, não proporcionar a ela vivências que não farão parte da sua rotina no futuro. A inflexibilidade e o apego a rotinas poderão levar a criança a estabelecer rotinas inadequadas no interior da escola, que causarão dificuldades posteriores para os profissionais e para a própria criança quando forem reformulados.

Para receber este aluno é necessário que o professor compreenda que as dificuldades da linguagem receptiva é uma característica do TEA e que muitas vezes o aluno pode não entender a explicação quando o professor está acreditando que essa criança esteja entendendo, causando assim, uma reação de agressividade. Também pode acontecer que a criança não possua uma linguagem suficiente para comunicar verbalmente ao professor que está cansado, com fome, com sede, exceto as pirraças e birras

[...] choro intenso, de movimentos corporais repetitivos, de indiferença em relação aos apelos e tentativas de ajuda, de apego a determinados locais fixos na escola e de recusa de deslocar-se conforme orientado. Também já observamos, em casos mais complexos, auto-agressões ou reações abruptas envolvendo objetos ou mesmo alguma outra pessoa. (Belisário, Cunha, 2010, p.22)

Para a criança com TEA estas reações são comuns por tratar-se de alterações em sua rotina, que é uma característica da criança. Belisário (2010, p.22) afirma: “na verdade, trata-se de reações esperadas mediante

a alteração importante na sua rotina. A escola naquele momento é uma experiência desconhecida e de difícil apropriação de sentido e propósito”.

Para Belisário e Cunha (2010, p.22) o resultado do educador em sala de aula não será imediato, o processo requer paciência para um longo período de adaptação.

Por parte do professor, a vivência desses primeiros momentos pode ser paralisante, carregado de sentimentos de impotência, angústia e geradora de falsas convicções a respeito da impossibilidade de que a escola e o saber/fazer dos professores possam contribuir para o desenvolvimento daquela criança.

Belisário e Cunha (2010, p.23) destacam que o aluno com TEA não deve seguir rotina diferente na escola, pois isso pode acarretar problemas futuros: “exemplo disso são o acolhimento individual com acesso a brinquedos que não são dados as demais crianças, alimentação em horário diferente do restante da turma”.

Se o objetivo é incluir a criança com TEA em todas as atividades escolares, mesmo sabendo que não será fácil, devem ser proporcionadas à criança as possibilidades idênticas a dos outros alunos. É necessário reconhecer as limitações da criança, assim como suas possibilidades. Esse reconhecimento propicia ao professor explorar e desenvolver atividades adequadas à participação de todos os alunos, enriquecendo seu desenvolvimento.

O PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO DE UM ALUNO COM TEA EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL DE FLORIANÓPOLIS- SC

Para melhor compreender aspectos envolvidos na inclusão escolar de alunos com TEA, entrei em contato com a família de Pedro⁴, que frequenta atualmente o quarto ano do ensino fundamental. Além do contato com a família, fui também à escola que Pedro frequenta para buscar informações sobre seu processo de escolarização e como está sendo feita a inclusão dele junto aos professores, alunos e demais profissionais da instituição.

3.1. A história de Pedro

Pedro tem 9 anos, estuda em uma escola pública de Florianópolis atualmente no 4º ano. Tem diagnóstico de TEA desde os dois anos.

A partir das informações obtidas com sua mãe, através de questionário e entrevista, apresento alguns aspectos de sua história de desenvolvimento, desde a gestação até a entrada na escola de ensino fundamental com suas vitórias e entraves que surgiram ao longo desde período.

Elza⁵ teve uma gestação tranquila e o parto ocorreu sem nenhuma intercorrência. O desenvolvimento do bebê vinha sendo dentro do esperado para qualquer criança de sua idade. Antes de completar dois anos a mãe percebeu que seu filho era agitado em alguns períodos e não se concentrava nas brincadeiras.

A mãe levou-o ao pediatra para uma consulta médica, pois achava que não estava tendo um desenvolvimento parecido como as outras crianças de sua idade. Ao ser examinado o médico relatou para a mãe que a criança era perfeita, que não tinha nada de “anormal” nele.

Há alguns anos atrás, eram poucos os médicos que tinham estudos mais aprofundados sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA). A mãe então resolveu levá-lo a um neuropediatra em outra cidade, que havia sido indicado por uma pessoa conhecida.

Ao entrar no consultório, a criança correu para entrar primeiro. A mãe relata que a médica ao observar o comportamento de Pedro quando

⁴ Nome fictício.

⁵ Elza é um nome fictício.

entrou na sala, disse que o menino tinha todas as características de uma criança autista.

Elza voltou arrasada para sua cidade e resolveu ouvir uma terceira opinião médica. O resultado não foi o que ela esperava: o filho foi diagnosticado mesmo como uma criança autista.

A médica sugeriu à mãe que a criança fosse acompanhada por outros profissionais como fonoaudiólogo e psicólogo. Além disso, que buscasse atividades alternativas como a ecoterapia, que poderia ajudar a lidar com a agitação da criança, associado à medicação.

Com o passar dos anos e com ajuda dos profissionais sugerida pela médica, Pedro teve um ótimo desempenho nas atividades que lhe eram propostas. Segundo a mãe ele começou a ter noção das coisas que aconteciam a sua volta aos quatro anos de idade:

Aos quatro anos foi que ele começou a ter noção do que acontecia ao seu redor; com quatro anos foi o primeiro aniversário da vida dele, primeiro natal, tudo foi a primeira vez na vida dele. Com quatro anos ele tirou as fraldas, até então aquela “criaturinha” não dava confiança. A gente conversava, ele nem dava bola, não tinha noção do perigo, para atravessar a rua tinha que segurar sua mão. Ele não sentia dor, calor, não sentia nada. (fala da mãe).

Frequentou jardim de infância no bairro onde morava, tinha um bom relacionamento com as crianças de sua sala e com as professoras. Ao mudar de bairro a mãe começou a sentir dificuldade em matricular seu filho em outra escola infantil, pois informava que seu filho era autista e a resposta era que não tinha mais vaga para aquele ano.

Para que seu filho pudesse frequentar a escola infantil a mãe ao matricular não informou que Pedro era autista. No terceiro dia de aula, a mãe foi chamada para que retirasse a criança porque, segundo os profissionais, ali não era o lugar para seu filho ficar. Ele não obedecia às professoras, tinha momentos de agitação e isso acabava prejudicando o desempenho das outras crianças.

Como a mãe já conhecia os direitos que seu filho tinha assegurado por lei, disse à diretora que seu filho iria permanecer ali até o término do ano e deveria ser tratado como as outras crianças sem nenhum tipo de discriminação.

Com a idade de frequentar o ensino fundamental Pedro ingressou em uma escola pública de Florianópolis. Durante o 1º ano Pedro

demonstrou que gostava de leitura, principalmente de “gibi”. A professora aproveitou o interesse dele e o incentivou a aprender a ler. Com isso ele teve um bom desempenho no 1º ano.

Segundo o relato de Elza, no 2º e 3º ano Pedro voltou a ter reações agressivas na escola, ficando agitado em muitos momentos. Para ela, as professoras tinham dificuldade em lidar com tais reações, sendo que por isso muitas vezes ele era excluído de algumas atividades.

Atualmente Pedro se encontra no 4º ano em turno inverso do que frequentou do 1º ao 3º ano e com rotinas diferentes do que era acostumado, mas para surpresa da mãe e das professoras ele soube lidar com tranquilidade com essa mudança.

3.2. Aspectos do processo de escolarização

Nesta sessão apresentarei algumas características de Pedro segundo as professoras, bem como os desafios que esse aluno tem apresentado para a escola, mais especificamente para a equipe pedagógica, no que se refere à inclusão escolar de um aluno com TEA.

Inicialmente, ao fazer contato com a escola tentei obter informações sobre as vivências escolares de Pedro desde o 1º ano, porém, como já estava em dezembro, e final do ano letivo, não consegui contato com as professoras.

Em fevereiro, ao retomar os contatos com a escola, consegui entrevistar apenas as professoras do 4º ano, que são suas professoras no ano letivo de 2016. Portanto, as informações sobre o processo de escolarização de Pedro apresentadas nesse trabalho, na visão dos profissionais da escola, referem-se apenas ao 4º ano.

Pedro hoje estuda no 4º ano, tendo iniciado o ano letivo com muitas mudanças em sua rotina e principalmente a escolar. No 3º ano ele estudava no período matutino e em sala tinha a presença da professora regente, de uma professora de Educação Especial atuando na perspectiva da co-docência⁶ e um estagiário atuando como auxiliar de sala. No 4º ano estuda no período vespertino e com professoras específicas para diferentes disciplinas, sendo Matemática, Português e Ciências. A professora de Educação Especial e o estagiário continuam atuando em sala.

⁶ Trabalho pedagógico desenvolvido nas turmas dos anos iniciais que apresentem alunos que requeiram a atuação de professor da Educação Especial compartilhar responsabilidades pedagógicas com o professor em sala (UFSC, 2014, p.20).

No Projeto Político Pedagógico (PPP) do Colégio Aplicação (CA), a co-docência tem objetivo:

Nesta perspectiva, é possível observar a necessidade de se estabelecer um trabalho de co-docência entre o professor da disciplina/classe e o professor da educação especial com o objetivo 25 de elaborarem juntos estratégias pedagógicas que atendam a todos os alunos, em suas peculiaridades, permitindo-lhes o acesso aos diversos saberes. (PPP,p.p 24-25,2014).

A Educação Especial no CA trabalha na perspectiva da transdisciplinaridade sendo que a co-docência tem a abertura para várias disciplinas e conteúdos, possibilitando assim a “cultura educacional inclusiva”.

Salienta Bayer para um efetivo trabalho de bidocência,

Consistiria em, primeiro, rever os conceitos de inclusão, não se referindo apenas aos alunos com necessidades especiais, mas a todos os discentes, respeitando suas particularidades, desde as físicas até as de aprendizagem. Posteriormente, seria feito um planejamento em conjunto desde a preparação das aulas à aplicação, não auxiliando exclusivamente um aluno, para que este possa desenvolver certa autonomia (CUNHA; SIEBERT, 2009, p. 2158).

As entrevistas foram realizadas com as professoras de Português e de Matemática, bem como com a professora de Educação Especial e possibilitaram conhecer aspectos importantes para compreender o processo de inclusão escolar de Pedro.

Após a transcrição das entrevistas, organizei o conteúdo das respostas em um quadro, para visualizar diferentes aspectos, tais como:

- Características de Pedro;
- Facilitadores e dificuldades para sua participação nas atividades escolares;
- Estratégias pedagógicas utilizadas;
- Desempenho escolar;
- Interações com professoras e colegas.

De acordo com as professoras, Pedro é uma criança que se preocupa em dar conta da atividade para acompanhar a turma, e nos momentos que sente que não irá dar conta de terminar o que lhe foi solicitado começa a ficar nervoso e agitado.

Para esses momentos de agitação e para que não haja maiores problemas em sala de aula ele é autorizado a pegar um gibi para permanecer sentado em sua carteira lendo. Já que ele adora leitura, o recurso encontrado para esses momentos é deixá-lo ler até ficar mais calmo, e poder retornar à atividade que foi proposta anteriormente.

Em sala de aula, Pedro tem um bom contato com a professora de Educação Especial, a qual lhe dá muita ajuda para dar continuidade nas atividades que tem dificuldade.

O que se tem que trabalhar com uma criança com TEA é a flexibilidade cognitiva. Se eu for muito rígida não vai adiantar nada; se eu quero uma flexibilidade eu também preciso flexibilizar o tempo todo. (Professora de Educação Especial).

Pedro consegue fazer com muita facilidade os exercícios de Matemática, e na disciplina de Português tem muita facilidade em interpretação. Já a escrita está sendo um grande problema, pois ele não gosta de registrar, mas faz o que é solicitado.

As atividades que são repassadas para as crianças são todas fotocopiadas, e para Pedro não são diferentes, a única coisa que o diferencia das outras crianças é que as atividades para ele são entregues de modo fracionado.

Ao entregar a atividade quando é muito extensa a professora corta a folha entregando somente uma parte por vez, assim ao olhar o exercício verá que são poucas atividades. Para Pedro a parte visual é muito importante e com a redução da atividade ele não entra em agitação e não fica nervoso pensando que não irá dar tempo de terminar o exercício junto aos demais colegas da classe.

Segundo relato das professoras entrevistadas, ele é uma criança que tem muita facilidade em interpretar os textos, por isso consegue fazer as atividades muitas vezes sem ajuda do mediador. Esta facilidade foi adquirida com a leitura, principalmente de “gibis”.

Silva, Gaiato e Reveles (2012), destacam que é importante que o professor:

Procure saber quais os reais interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele sinta mais estimulado em aprender, além de melhorar o vínculo entre aluno e professor. (p.117).

Algumas das atividades que são propostas em sala de aula estão relacionadas com histórias a partir dos gibis. Isso faz com que ele contribua para as discussões feitas em sala de aula, ele tem colocações coerentes sobre o assunto e muitas vezes fala sobre o assunto que as crianças da sala ainda nem tem conhecimento.

Pedro é uma criança que não conseguia manter seu material de aula organizado. Neste ano seus cadernos estão com mais escritos e organizados; ele chega a olhar os cadernos dos amigos para ver se o dele está parecido.

Quando ele começa a ficar cansado de ficar na sala e começa agitar-se é autorizado a sair e retornar sem ser chamado dando continuidade na atividade que havia parado de fazer.

Quando ele não consegue resolver a situação problema ele levanta e sai, vai dar uma volta, senta no banco perto da casinha de artes e depois que está mais calmo retorna e da continuidade na atividade que havia parado de fazer. Ele precisa ter o tempo dele. (Professora de Educação Especial).

Pedro é uma criança que interage e relaciona-se muito bem com a professora de Educação especial. A comunicação entre eles muitas vezes é entendida somente pelo olhar; quando a professora está distante de sua carteira a comunicação entre eles é feita através da professora por LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) a qual ele compreende perfeitamente.

[...] qualquer aprendizagem, qualquer atividade de ensino só funciona se tiver um vínculo, senão não funciona. O jeito que se pergunta a ele, que se questiona... se não flexibilizar, se não observar como ele se sente, como gostaria que chegasse nele, temos que nos colocar no lugar do outro o tempo todo. Se eu não me colocar no lugar dele ou de qualquer outra criança, como é que eu vou ter uma relação proveitosa, uma relação que não seja

só de fazer, pegar e pronto... (Professora de Educação Especial).

Uma de suas professoras, aproveitando o interesse de Pedro por gibis trouxe conteúdo relacionado às histórias que ele lê. Isso faz com que ele participe das aulas sem se dispersar e contribuindo nas colocações adequadas e coerentes para o grupo.

A professora de ciências naturais em uma de suas aulas apresentou o sistema solar. Pedro pegou o gibi com esse assunto e foi lendo e fazendo suas colocações coerentes sobre o assunto. Isso fez com que ele não se dispersasse e ajudasse com o conhecimento do assunto para o grupo. (Professora. de Português).

Para os autores Silva, Gaiato e Reveles (2012), o professor deve:

[...] saber quais são os reais interesses do aluno com autismo e prepare materiais e atividades com esses temas. Isso fará com que ele se sinta mais estimulado em aprender, além de melhorar o vínculo entre aluno e professor. (p.117).

Pedro gosta muito das aulas de matemática, participa nas atividades orais e escritas, gosta de ir ao quadro resolver alguma atividade que foi proposta ao grupo. “Ele quer ficar direto indo fazer as atividades no quadro, fica levantando o braço a toda hora e quer sempre participar das atividades de Matemática”. (Professora de Matemática).

Quando tem alguma orientação a ser dada a Pedro ou a qualquer outro aluno, “quando se tem qualquer estratégia de orientação com relação a algum assunto, a orientação é dada ao grupo e não só a ele, porque assim ele consegue administrar o que foi pedido” (Professora de Matemática).

Em sala de aula as crianças não reconhecem Pedro como sendo uma criança autista e sim uma criança “nervosa” “Vai ter um momento que nós teremos que comentar, vamos deixar quando vier do grupo, aí falaremos sobre o assunto”. (Professora de Educação Especial).

Como todas as crianças, Pedro tem um amigo com que tem mais afinidade “Ele tem um amigo na sala que tem altas habilidades. De alguma forma eles se identificam e brincam juntos”. (Professora de Educação Especial).

Além das professoras, Pedro interage e brinca com os colegas de classe no recreio. Tem algumas crianças que ele consegue relacionar-se melhor, mas não deixa de divertir-se com as outras que o convidam para brincar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Início as Considerações Finais retomando o objetivo deste trabalho, que consistiu em refletir sobre a inclusão de crianças com TEA no contexto regular de ensino.

A pesquisa bibliográfica sobre o Transtorno do Espectro Autista indicou que esse é um tema atual e controverso. Há diferentes compreensões sobre essa condição, havendo também falta de estudos que comprovem as causas do TEA. Encontrei estudos que focalizam diferentes aspectos da escolarização de crianças com TEA na educação básica. Uma questão bastante recorrente é o despreparo dos professores para lidar com essas crianças. Há falta de informação sobre as características específicas desse transtorno uma certa insegurança por parte dos professores por se tratar de crianças que apresentam interações sociais e padrões de comunicação bastante diferente das demais crianças da mesma faixa etária.

A pesquisa nos documentos de políticas educacionais mostra o direito que essas crianças, como público-alvo da educação especial, têm de frequentar a escola regular. Elas têm os mesmos direitos das crianças sem TEA, ou seja, de serem matriculadas e participar de todas as atividades que a escola proporciona.

Através das entrevistas realizadas com a mãe e as professoras do aluno com TEA mostra a sintonia que há entre essa criança e as professoras, bem como a cumplicidade com a professora de educação especial.

Percebe-se que o professor possui conhecimento teórico sobre o TEA, o qual possibilita assim, realizar o trabalho pedagógico com perspectiva de obter o desenvolvimento desejado da criança.

O fato de Pedro ser alfabetizado e de ter a linguagem oral desenvolvida de certa forma facilita suas interações com a turma, a ponto de ele não ser reconhecido como uma criança autista e sim como uma criança “nervosa”, conforme fala da Professora de Educação Especial.

As reflexões proporcionadas por essa pesquisa sobre a inclusão de crianças com TEA no contexto regular de ensino nos levam a questões como:

- De que forma os alunos com TEA podem ser atendidos pelos professores de Educação Especial? Nessa escola a Professora de

Educação Especial atua como co-docente, mas como será o trabalho em escolas que não trabalham dessa forma?

- Até que ponto os avanços no desenvolvimento de Pedro podem ser atribuídos ao trabalho da escola? A entrevista com a mãe mostra o grande atraso no desenvolvimento dele até os quatro anos. Com o acompanhamento de diferentes profissionais e com a entrada na escola, Pedro teve avanços significativos no desenvolvimento em todas as áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Marli E.D.A. **Estudo de Caso: Seu Potencial na Educação**. Rio de Janeiro: PUC do Rio de Janeiro, 1984.

AUTISMO, Projeto Integrar. **O que é o autismo**. Disponível em: <<https://autismoprojetointegrar.wordpress.com/aspectos-legais/dsm-v-informando-o-que-e-o-autismo>>. Acesso em 12 nov. 2015.

AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico. NUNES, Débora Regina de Paula. SCHMIDT, Carlo. **Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão na literatura**. Santa Maria RS: Revista Educação Especial, 2013.

BAPTISTA, Claudio Roberto. BOSA Cleonice. **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenção**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BELISÁRIO FILHO, José Ferreira. CUNHA, Patrícia (orgs). **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza] Universidade Federal do Ceará, 2010.

BEYER, Hugo Otto. O pioneirismo da escola (modelo) Flämming na proposta de integração (inclusão) escolar na Alemanha: aspectos pedagógicos decorrentes, In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., Caxambu. Anais...: Anped, 2004. p. 1-18. Disponível em: <HTTP://27reuniao.anped.org.br/qt153.pdf>>. Acesso em: 04 abr,2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **LEI Nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- LDEBEN. /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 1996.. Acesso em 28 fev. 2016

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectivada-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192>. Acesso em 14 fev. 2016.

Brasil. Ministério da Educação. **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA:** Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Brasília: UNESCO, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica **LEI N.12.796, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996**, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/constituicao.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2016.

COSTA, Ulisses. **Autismo no Brasil um grande desafio!** A história de luta de um pai e a origem da Lei Federal 12.764, Lei Berenice Piana. Rio de Janeiro: Wak, 2013.

CUNHA, Eugênio. **Autismo na Escola:** Um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar, Rio de Janeiro: Wak, 2013.

DA SILVA, Eduardo Henrique Corrêa. **Autismo**, 2003: CID-10. Disponível em: <<http://www.autismo-br.com.br/home/D-cd-10.htm>>, acesso em 27/10/2015.

ELLIS, Katryn. **Autismo**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

GIL, Antonio Carlos, **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, São Paulo: Atlas S.A, 4ª Edição 2009.

IRIBARRY, Isac Nikos, **Autismo e educação:** reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social:** Teoria, métodos e criatividade. Disponível

em:<<http://www.moodle.ufba.br/mod/resource/view.php?id=48419>>.
Acessado em 17 mar. 2016.

NUNES, Débora Regina de Paula, AZEVEDO Mariana Queiroz Orrico, SCHMIDT, Carlo, **Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura**, Revista Educação Especial, Santa Maria, v.26, n.47, p.557-572, set./dez.2013

SILVA, Ana beatriz Barbosa. GIATO, Mayra Bonifácio. REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular: entenda o autismo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SUPLINO, Maryse. **Inclusão Escolar de Alunos com Autismo**. Rio de Janeiro, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2012.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Proposta Pedagógica de Inclusão Educacional do Colégio Aplicação/UFSC, 2014, Disponível em http://www.ca.ufsc.br/files/2016/03/Proposta-de-Inclus%C3%A3o-CA_FINAL_Apos_Assembleias.pdf:< Acessado em 28 de junho de 2016>.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm , < Acesso em 10 de julho 2016>

www.psiquiatriageral.com.br/dsm4/dsm_iv.htm acessado em 07/05/16 – 04:56hs

APÊNDICE 1**ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A FAMÍLIA**

- 1 – Qual o nome e a idade de seu filho?
- 2 – Como é a composição de sua família, considerando quem mora com vocês?
- 3 – Quando você começou a perceber que seu filho era diferente das outras crianças da mesma idade?
- 4 – Como você chegou ao diagnóstico de seu filho? (Encaminhamento através de algum profissional, amigo, familiar)
- 5 – Quanto tempo levou desde a observação dos primeiros sinais até o diagnóstico?
- 6 – Como foi sua reação e de sua família diante do diagnóstico?
- 7 – Após o diagnóstico que tipo de ajuda você procurou para auxiliar seu filho?
- 8 – Quais as dificuldades que o filho com autismo enfrenta?
- 9 – Como é a relação de cada membro da família com o filho com autismo?
- 10 – Seu filho se comunica com o som da fala, gestos ou tem outro meio de comunicar-se?
- 11 – Seu filho tem algum tipo de manifestação como: agressividade, agitação, comportamento repetitivo ou algum outro tipo de manifestação?
- 12 – Qual a expectativa que você tem para o futuro dele?
- 13 – Seu filho frequenta a escola?
- 14 – Aonde seu filho estuda em que ano está? Seu filho enfrenta algum tipo de preconceito na escola?
- 15 – Como é a interação dele junto ao professor?
- 16 – Há algum auxiliar de sala para ajudá-lo? Como é a relação de seu filho com o auxiliar?
- 17 – Como é a interação dele com outros alunos?
- 18 – Como ele se comporta em sala de aula?
- 19 – Como você avalia a aprendizagem dos conteúdos escolares por parte de seu filho?

APÊNDICE 2

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL.

- 1 – Como é o Pedro na escola?
- 2 - Como é feita a inclusão?
- 3 - Ele fica sentado ou fica disperso na sala de aula?
- 4 - Como é a relação dele com você?
- 5 – Como é o relacionamento dele com os amigos da sala?

APÊNDICE 3

ROTEIRO DA ENTREVISTA COM AS PROFESSORA DAS DISCIPLINAS DE MATEMÁTICA E PORTUGUÊS.

- 1 – Quando ele ingressou no colégio?
- 2 – Apresentou laudo diagnóstico? Qual o diagnóstico?
- 3 – Na turma que ele frequenta esse ano, há um professor de educação especial? Há estagiário para algum tipo de auxílio?
- 4 – Como é a relação dele com os adultos na escola?
- 5 – Ele tem acompanhado a turma ou está muito atrasado?
- 6 – A mãe dele disse que ele gosta muito de leitura. Qual seu ponto de vista para esta afirmação da mãe?
- 7 – Como é a relação dele com outras crianças e com colegas da sala?
- 8 – Ele sai para o recreio em horário diferenciado?
- 10 – Como é a relação da escola com a família?
- 11 – Como você avaliaria o desempenho que ele esta tendo esse ano?
- 12 – Ele é o único aluno com autismo na sala?
- 13 – Como é a relação do aluno com vocês?
- 14 – Em sala de aula durante a aula ele permanece sentado ou fica disperso?

APÊNDICE 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntária, da pesquisa para elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da UFSC intitulado A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM UMA ESCOLA PÚBLICA FEDERAL EM FLORIANÓPOLIS – SC.

A pesquisadora responsável é Josete Burda Andrade, com orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Sylvia Cardoso Carneiro, da Universidade Federal de Santa Catarina. O referido trabalho tem por objetivo pesquisar como está sendo o processo de inclusão escolar desde aluno com autismo.

Concordo que minha participação se constituirá em uma entrevista, a ser gravada em áudio, com fornecimento de dados sobre o processo de escolarização do estudante.

Compreendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa, e que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, assegurando, assim, minha privacidade. Sei que posso retirar meu consentimento quando eu quiser, e que não receberei nenhum pagamento por essa participação.

Josete Burda Andrade

APÊNDICE 5

QUADRO INICIAL ENTREVISTAS

	Características da criança	Ingresso no CA	Facilitadores à participação na escola	Dificuldades para a participação na escola	Desempenho escolar	Interações com os colegas	Interações com os adultos	Estratégias utilizadas
Mãe	- As vezes agressivo, - muito agitado, - diante da televisão conforme o programa apresenta fleps.	- com sete anos através de sorteio.	- professora Mariza foi a primeira estimular ele a ler, foi ali que ele tomou amor pela leitura.	- no segundo e terceiro ano teve muitas turbulências. - na segunda série ele pegou uma professora que tinha dificuldade em lidar com ele. - Na terceira série houve momentos que era excluído de algumas atividades.	- está sendo bom	- muito boa, com alguns há mais afinidade.	- com a mãe excelente relacionamento, - com o pai é difícil relacionamento, - com a irmã relacionamento normal	- senta com ele para fazer as atividades, - leitura de gibis para que haja concentração.
Prof. 1 (Matem.)	- é uma criança preocupada em dar conta em terminar as atividades, - facilidade na interpretação textual, - é uma criança extremamente comprometida	- ingressou pelo sorteio de cotas para crianças especiais que é 5% por série, ele ingressou em 2013.	- professora de Ed. esp. e bolsista que auxilia no momento que ele precisa, - quando está cansado usa a leitura (gibi) para se concentrar novamente	- atividade muito extensa fica preocupada em não da conta em terminar	- interpretação e discussão em sala ele consegue participar tranquilo, - adora leitura, - acompanha o grupo, adora a disciplina, tem facilidade em fazer as tarefas propostas	- tem bastante afinidade com um colega, - aos pouco está interagindo com outras crianças.	- interação com a professora de Ed. esp. é fantástica.	- quando se tem qualquer comunicado se faz ao grupo não só a ele, assim ele consegue atender o pedido e administrar.

Prof. 2 (Portug uês)	<ul style="list-style-type: none"> - é uma criança tranquila, - quando acha que não vai da conta em terminar a atividade fica nervoso. 	- com sete anos	<ul style="list-style-type: none"> - professora de Ed. esp. que facilita e ajuda ele a acompanhar o grupo, - entre uma atividade e outra pega um gibi para se concentrar novamente, - não tem muito gosto pela escrita. 	- não gosta de fazer registro.	- tem facilidade em interpretar e da às respostas na questão que é proposta.	- no recreio brinca com as outras crianças de polícia e ladrão.	- relacionamento tranquilo, ele vem da abraço, fala no ouvido.	- serve como escriba em alguns momentos, - fraciona as atividades - adora a professora Juliete onde acaba sendo a peça fundamental para desenvolvim ento em sala.
Prof. 3 (EE)	<ul style="list-style-type: none"> - organizado, - ansioso, - em alguns momentos nervoso e choroso, - facilidade na análise de textos, - participativo em alguns momentos contribuindo nas colocações para aula. 	- sete anos	<ul style="list-style-type: none"> - entregar atividades fracionadas e digitalizadas, - colaboração das crianças na sala de aula que ajudam e contribuem observando o comportamento. - usa sinal em libras para se comunicar, - acolhimento da família com assistente social neste ano. 	- dificuldade na escrita, não gosta de escrever tarefas muito extensas.	- tem dificuldade na escrita não gosta de registrar	<ul style="list-style-type: none"> - positivo as crianças não vê ele como uma criança com TEA, - brincam com ele no recreio. 	- bom relacionamento com a professora de Ed. esp.- tem mais afinidade a ela que as outras professoras.	<ul style="list-style-type: none"> - negocia, faz combinado, - corta as tarefas ao meio dando por partes para que faça igual a todos a atividades proposta. - utilização de gibi com temas proposto para as aulas.